

ISP: Valorização dos serviços públicos será fundamental no pós-pandemia

A Condsef/Fenadsef acompanhou, live da Internacional dos Serviços Públicos (ISP) Interaméricas que contou com a participação da secretária-geral da ISP, a italiana Rosa Pavanelli. Rosa é da Lombardia, no norte da Itália, região mais afetada pela pandemia da Covid-19 naquele país. A secretária-geral trouxe reflexões sobre a necessidade de se promover uma valorização potente dos serviços e das políticas públicas no mundo no cenário pós-pandemia. No Brasil, preocupa as ações do governo Bolsonaro e projetos recentes aprovados no Congresso Nacional que vão em direção contrária a essa necessidade. O debate sobre a participação do Estado no controle dos efeitos da pandemia na vida das pessoas é fundamental e integrar os trabalhadores nesse contexto poderá dar o tom de que mundo será herdado e quais os efeitos potenciais das decisões políticas em torno dessa crise.

A campanha "Trabalhadores protegidos salvam vidas" esteve no centro do debate que contou ainda com a participação da secretária Sub Regional da ISP-Brasil, Denise Dau, o secretário Regional da ISP Interaméricas, Jocélio Drummond, e o presidente da CNTSS e membro integrante da ISP, Sandro de Oliveira Cezar. Denise apontou dados preocupantes do Brasil que é o segundo país com maior número de trabalhadores da saúde contaminados e mortos, tendo superado Espanha e Itália, juntos. O reconhecimento da contaminação por Covid-19 como doença do trabalho é uma das prioridades da campanha da ISP.

A participação do presidente Jair Bolsonaro que tem minimizado a pandemia também foi fortemente criticada. "Temos um presidente que infelizmente estimula o rompimento da quarentena e causa problema no enfrentamento da pandemia. Já são dois ministros da Saúde que saem do governo por não concordarem com as práticas defendidas por Bolsonaro", destaca Dau. Para a secretária da ISP-Brasil, a campanha mundial da entidade com o mote "vidas acima do lucro" ganha relevância cada vez maior enquanto a crise da pandemia avança.

O presidente da CNTSS apontou a importância de dar visibilidade maior da realidade às pessoas que não vivem e não convivem com informações sobre o que profissionais na linha de frente estão enfrentando. "isso mostra o quanto necessário é investir nos serviços públicos", frisou. "A pandemia deve servir para que possamos pensar um mundo diferente desse onde haja mais solidariedade e esforço para garantir renda mínima a população mais vulnerável. Não haverá economia sem vida humana. Não importa o quanto avance tecnologia, sem o homem o mundo não avançará", acrescentou Sandro.

Reforma fiscal progressiva que traga recursos ao setor público

Para Drummond e Pavanelli é urgente buscar novos aliados na luta em defesa do serviço público. Um dos caminhos passa por uma reforma fiscal e tributária ampla no mundo. Drummond destacou a questão dos subsídios dados a empresas que não retornam para sociedade e representam bilhões em dinheiro público que se "joga no lixo". A ISP quer fazer um estudo para mostrar como é nefasto para o país e a população esse esquema.

O secretário da ISP Interaméricas pontua também a situação de grandes empresas que não pagam imposto se utilizando de paraísos fiscais para evadir riquezas. "Esse debate tem que fazer parte da discussão em defesa dos serviços públicos", defendeu. Uma reforma fiscal progressiva que traga recursos para que se possa de fato prestar serviços para sociedade é o que defende a ISP. "Não é ideologia. É a realidade de uma contradição das políticas neoliberais. Todos se dão conta agora como essa injustiça tem impacto real na vida das pessoas", concluiu Pavanelli.

Cortes em ciência, tecnologia e inovação dificultam ação contra o coronavírus

“Nesta pandemia, as universidades brasileiras e as instituições de pesquisa estão profundamente empenhadas em buscar soluções, remédios, testes e alternativas de produção de equipamentos. Só que estamos em condições debilitadas porque historicamente não houve um apoio muito grande à ciência e tecnologia no Brasil. O parque industrial brasileiro está em uma situação difícil, temos imensos desafios.”

O desabafo de Lineu Moreira, presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), reflete a angústia de um setor que busca dar respostas urgentes à covid-19 ao mesmo tempo em que sofre com o desmonte promovido pelo governo federal nos últimos quatro anos.

O Brasil atravessa a pandemia em plena crise política, econômica e social. Mas, apesar dos aspectos negativos que traz para todos nós, essa epidemia está trazendo também uma reavaliação do papel do Estado e das instituições públicas de ciência e tecnologia, que têm demonstrado uma força fantástica no enfrentamento da doença. As universidades públicas estão adaptando seus laboratórios para enfrentar a crise, as instituições de pesquisa estão presentes. Isso mostra que, apesar do corte sucessivo de recursos que tivemos nos últimos anos, a ciência está viva no país, enfrentando as emergências que aparecem.

Nas dificuldades frente ao coronavírus estão refletidas as sucessivas reduções de recursos para o setor impostas desde o governo de Michel Temer se agravaram com a chegada de Jair Bolsonaro ao poder.

Corte de R\$ 2,3 bi em CT&I

Na proposta de orçamento para 2020, o governo federal reduziu em 15% os recursos destinados ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC), um corte de R\$ 2,3 bilhões em relação ao ano anterior. Para completar, 39% da verba total destinada ao ministério (R\$ 5,1 bilhões) está bloqueada como reserva de contingência e poderá ser utilizada pelo governo em outras áreas.

Se pegarmos isoladamente no orçamento do governo federal a função de Ciência e Tecnologia, temos pouco mais de 0,08% do PIB. Isso pode chegar a 1,5% do PIB quando juntamos tudo, desde as fundações estaduais de amparo à pesquisa, as empresas, os laboratórios até as universidades. Há dez anos, o investimento federal era 0,1% do PIB. Isso significa dizer que estamos perdendo espaço de financiamento para a ciência brasileira.

Nos últimos anos, os países da OCDE tiveram investimento médio em ciência e tecnologia superior a 2% do PIB. Alguns, como a Coreia do Sul, investiram mais de 4% do PIB. De acordo com o Índice Global de Inovação, o Brasil caiu 19 posições na última década, passando para a 66ª posição no ranking de investidores em CT&I no ano passado. Esperamos para este ano um resultado ainda pior. A posição que o país ocupa nos rankings internacionais não é compatível com o fato de sermos, ainda, a nona economia do mundo. A tendência é perder ainda mais posições. O que significa fechar indústrias, perder empregos e diminuir a qualidade de vida da população.

Na contramão

O governo brasileiro segue na contramão do mundo. Mesmo antes da pandemia, o Brasil já vinha em movimento contrário ao que estava acontecendo nos países desenvolvidos. Nos Estados Unidos, na Europa, na China, no Japão e em Israel existe o reconhecimento por parte do governo e da sociedade de que investir em CT&I é prioridade e um vetor para o desenvolvimento. No ano passado, em termos absolutos, EUA e China investiram acima de R\$ 500 bilhões em Pesquisa & Desenvolvimento.

Ao debilitar a ciência, o governo prejudica também a indústria brasileira. Mesmo antes da pandemia já vínhamos percebendo um enfraquecimento da indústria ao longo dos últimos anos. Isso traz um problema muito sério para o desenvolvimento do país porque a indústria está em todas as áreas. Neste momento de crise sanitária, vemos que respiradores, fármacos, transporte e logística vêm da indústria. Ela permeia toda a economia. Se não tivermos uma indústria forte e dinâmica, é impossível termos um país desenvolvido. É preciso que a CT&I seja valorizada e que a essa valorização correspondam recursos.

Projeto de nação

É preciso uma estratégia de país em longo prazo que coloque ciência, tecnologia e inovação como prioridade e como vetor para o alcance do desenvolvimento. Só assim teremos uma indústria forte. Nenhum país é desenvolvido sem ter uma indústria forte, criando postos de trabalho e oferecendo

empregos de qualidade. A ciência é fundamental porque vai irrigar com conhecimento toda a pesquisa e o desenvolvimento que se precisa fazer.

Neste momento de combate à covid-19, as fundações e demais entidades de apoio à pesquisa também sentem na pele os cortes orçamentários. As fundações estaduais estão com muitas restrições para atuar nesta pandemia porque não contam com a parceria direta da unidade federativa. Apesar da comunidade científico-acadêmica, das nossas associações e entidades estarem à disposição, lutando no âmbito local com o apoio de prefeituras e governos estaduais, não há movimento nesse sentido do ponto de vista federal. Há o movimento contrário de negar a realidade ou construir a realidade a partir de falsas premissas.

Cortes orçamentários em CT&I dificultam ação contra o coronavírus

O CNPq e a Capes vêm desidratando em termos de recursos ao longo dos últimos quatro anos. Com a Iniciativa de Ciência e Tecnologia no Parlamento (ICTP.br), a comunidade científico-acadêmica conseguiu a duras penas reverter o quadro de queda abrupta dos recursos de financiamento para as agências. Mas, não conseguiu ainda reverter o sério contingenciamento do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT). Isso se reflete nas fundações estaduais de amparo à pesquisa.

Esforço jogado fora

O esforço de muitos anos pode estar sendo jogado fora pelo atual governo. O resultado de décadas de trabalho continuado de financiamento de órgãos como CNPq, Capes, Finep, fundações de amparo à pesquisa e universidades criou um sistema nacional de ciência e tecnologia robusto que hoje representa mais de 50% do que é produzido na América Latina inteira. Mas, precisamos melhorar a qualidade da nossa pesquisa, seu impacto científico poderia ser bem melhor do que é.

O presidente da SBPC critica a política de cortes e restrições temáticas na concessão de bolsas de pesquisa. "A ciência é fundamental pelo lado econômico, mas não só isso. Ela é fundamental para a cultura de uma nação. As ciências humanas e sociais são essenciais justamente para a gente pensar o mundo e as relações humanas e sociais. Não devem ser deixadas de lado. Valorizar o ensino superior e o ensino técnico para formar pessoal qualificado é um desafio para o Brasil", diz.

Moreira faz um apelo pela salvação da ciência brasileira. "Que a CT&I esteja integrada em um projeto de nação democrática, soberana, menos desigual e com desenvolvimento sustentável. As entidades do setor têm discutido programas mobilizadores em áreas como energia, agricultura sustentável, mar, Amazônia e redução das desigualdades, entre outros. Poderemos certamente fazer muito mais do que estamos fazendo se tivermos apoio e estivermos encadeados em um projeto de nação, um projeto de país mais amplo."

SINDSEP-MG repudia fala de Guedes, que comparou servidores a "assaltantes"

O ministro da Economia, Paulo Guedes, voltou a fazer novos ataques aos servidores públicos do Brasil. Durante coletiva de imprensa, realizada na última sexta-feira (15) no Palácio do Planalto, Guedes, comparou servidores públicos a "assaltantes".

Na ocasião, ele defendeu que, por causa da pandemia do novo coronavírus, "não é hora" de reajustes salariais para o funcionalismo. "Por favor, não assaltem o Brasil enquanto o Brasil está nocauteado. É inaceitável que tentem saquear o gigante que está no chão, que usem a desculpa para saquear o Brasil".

O SINDSEP-MG repudia qualquer fala nesse sentido. Trata-se de uma afronta à dignidade pessoal de todas as categorias. O apelo feito por Guedes foi acusatório e desrespeitoso. Os servidores públicos trabalham incansavelmente para que os serviços prestados à população brasileira sejam os melhores possíveis.

O alvo, no atual momento, deveria ser a aprovação do projeto que cria o imposto sobre as grandes fortunas e heranças milionárias que está parado no Congresso e não o congelamento salarial dos servidores públicos. Exigimos imediata retratação.